

MEMÓRIAS, SABERES E EXPERIÊNCIAS DE PAULO FREIRE EM “CARTAS A CRISTINA”

ANA CARLA DE SOUZA FERRAZ¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

LUIZ ARTUR CESTARI DOS SANTOS²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

MANUELLA SOUZA FERRAZ³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

O presente artigo faz uma análise do livro “Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha Práxis” de Paulo Freire, tendo por base três categorias: memória, saberes e experiências. Nesse livro, Freire vai nos revelando sua própria história, buscando contextualizar com o tempo histórico em que escreveu e viveu, os textos são frutos da comunicação com sua sobrinha Cristina durante o período em que esteve em exílio. A obra, Cartas a Cristina, trata de memórias escritas que evocam memórias da sua trajetória como educador e, ao ler os relatos, é possível verificar como suas experiências foram formando sua prática nos mostrando que narrar sua vida se faz por narrar-se frente aos conflitos concretos de uma realidade, destacando a forma como ele se aventura a se posicionar num determinado domínio de relações de forças, que é, no caso em pauta, o campo da educação brasileira.

1753

Palavras-chave: Memória. Saberes. Experiências

Abstract

This article analyzes the book "Letters to Cristina: Reflections on my life and my praxis" by Paulo Freire, focusing on three categories: memory, knowledge, and experiences. This publication, as the result of communication with his niece Cristina during the period in which he was in exile, seeks to contextualize Freire's personal tale within the historical context of his writing and life. "Letters to Cristina" deals with written memories that evoke memories of his career as an educator. It is possible to verify that his experiences formed his practice in front of the concrete conflicts of a reality, highlighting the way in which he ventured to position himself in the Brazilian Educational Field.

Keywords: Memories. Knowledge. Experiences

1 Geógrafa, pedagoga, especialista em Ciências Ambientais e mestranda do Programa de Pós graduação em Educação PPGEd- UESB

2 Graduado em Pedagogia (1997), Mestre em Educação (2000) e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco, atualmente é Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

3 Historiadora, pedagoga, psicopedagoga e mestranda do Programa de Pós graduação em Educação PPGEd- UESB

Introdução

Há um bom tempo atrás, numa das mesas introdutórias de num determinado evento sobre autobiografias e educação, após a apresentação dos trabalhos previstos, a palavra fora concedida à plateia. Depois de uma ou duas questões, uma pessoa solicita a palavra e, em vez de introduzir sua pergunta, ocupou o microfone por um tempo mais longo do que o permitido pela coordenação, para concluir sua interpelação com a seguinte afirmação: - "... Não consegui entender por que Paulo Freire não está sendo citado neste evento!". Exclamou e, inconformada com a ausência do notório autor, continua: - "Paulo Freire é autobiográfico e realizar um evento sem que sua obra seja apreciada e se tenha espaço para discuti-la é uma falta grande."

É importante notar que o relato não reproduz em essência as palavras ditas, mas o tom e as afirmações não foram outras, pois a preocupação era encontrar um lugar central para o pensamento de Paulo Freire no âmbito da discussão sobre autobiografia e formação. Deste modo, entendemos que a aclamação a Paulo Freire é, ao mesmo tempo, uma espécie de regulação reivindicada para uma ideia legitimada no campo educacional no Brasil, mas também se apresenta um tipo de alerta de que alguns autores não podem ser esquecidos, pois o novo não deve subverter declaradamente o estabelecido e, se isso acontecer, deve ser um processo negociado e, percebemos isso, quando notamos a afirmação contundente de que: "Freire é autobiográfico".

Ora, em primeiro lugar, é difícil aceitar tal afirmação, pois pelo que se entende sobre a obra de Freire ainda não encontramos registros de que esta afirmação tenha sido feita por ele e se ele não a fez, não podemos atribuir-lhe como tal. Diante disso, entende-se que seria mais coerente, em vez de reivindicar um lugar para Freire no debate sobre autobiografias, questionar como aparecem os autos e ou biografias no pensamento de Freire, em quais obras, com quais finalidades e quais circunstâncias ele se ateu a estas abordagens para argumentar em favor da formação.

No entanto, para aliviar a tensão, façamos notar uma afirmação feita pela professora Maria Eliete Santiago (ex-orientanda e amiga de Paulo Freire), segundo a qual o referido autor teria lhe dito numa ocasião na casa dele em Paris, França, que o livro, no qual ele mesmo teria expresso de modo mais contundente elementos autos e ou biográficos, teria sido o texto "Cartas a Cristina". Assim, por que não estudar nesta obra a forma autobiográfica da expressão de Paulo Freire sobre as questões educacionais?

Portanto, o objetivo aqui é refletir sobre a biografia de Paulo Freire através da narrativa autobiográfica escrita por ele em sua obra “Cartas a Cristina”, publicada pela primeira vez em 1994. Neste trabalho, o autor dialoga com sua sobrinha, através de cartas que ele (Freire) enviava a ela durante o exílio.

Paulo Freire esteve em exílio com sua família, após o Golpe Militar, entre os anos de 1964 e 1979, passando por Chile, Estados Unidos, Suíça, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Austrália, Itália, Nicarágua, Ilhas Fiji, Índia e Tanzânia. Ao longo desses anos, ele se correspondeu com muitos amigos e familiares, mas foram as trocas de correspondência com sua sobrinha que resultaram nesta obra.

Para análise do referido texto, três categorias são importantes de modo que, sem elas, não é possível imergir na intencionalidade do autor. São elas: memória, saberes e experiências. De início, dedicaremos atenção na análise das 12 primeiras cartas para a compreensão de suas memórias. Depois disso, damos ênfase aos seus saberes e experiências como contribuição para os processos educativos no Brasil analisando as seis últimas cartas.

Visualizamos, de modo mais abrangente, que a narrativa proposta por Paulo Freire contribui para uma imersão no tempo histórico onde acontecem os fatos. Entendemos, no sentido que fala Bondia (2002), que uma narrativa pode ser compreendida como uma história, pois apresenta o momento vivido como algo que acontece, além do que nos passa como coisa externa, pois a experiência além de suspender a passagem do tempo, nos atravessa e nos transforma.

Assim, nesse texto Freire vai nos revelando sua própria história, buscando contextualizar com o tempo histórico, de modo que o leitor encontre nesta narrativa, o aporte necessário para a compreensão do contexto em que ele está inserido, de suas memórias de infância, as dificuldades socioeconômicas no contexto familiar, o convívio com seu pai, por exemplo, e de seu próprio processo de alfabetização. Nessas narrativas, ele nos apresenta as memórias do Paulo Freire criança, as memórias do Paulo Freire educador, seus questionamentos sobre o autoritarismo e a busca por liberdade e democracia, os desafios encontrados no período do pré-exílio, os problemas do final do século XX, dentre tantos outros questionamentos.

1 Memórias a evocar em cada fase da vida de Paulo Freire

A obra Cartas a Cristina, trata de memórias escritas que evocam memórias da sua trajetória como educador, ao ler os relatos é possível verificar como suas experiências foram

formando sua prática e teorias sobre Educação. Na introdução o autor indica aspectos da sua prática e diz que sua escrita ocorre de forma simultânea, ao afirmar que: “Nunca vivo um tempo puro de escrever, porque para mim o tempo de escrita é o tempo de leitura e releitura” (p.19).

Essa relação entre a reflexão e ação, está presente no decorrer do livro. Ao todo, Paulo Freire escreve dezoito cartas, sendo as doze primeiras, cartas com as memórias mais pessoais que marcam sua vida na infância, juventude, até a morte de seu pai. A partir da décima terceira carta, o autor registra seu retorno ao Brasil, após o exílio, a retomada do seu trabalho com a Educação brasileira, em solo brasileiro, a partir de Pernambuco.

Na primeira parte o Educador evoca sua memória sobre o período do exílio, sobre a comunicação estabelecida com alguns grupos através de cartas, rememora o fato de ter escritos cartas a estudantes e professores talvez mais que a amigos e amigas. Nas cartas que ele escreve, a pedido da sobrinha, ele vai construindo uma narrativa cronológica de sua infância, dos primeiros anos como professor até alcançar a fase mais madura, rememorando cada etapa. Sobre este processo de escrita, Paulo Freire (1994, 33) diz

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, devo ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido.

1756

Ao afirmar haver uma relação entre suas vivências em Jaboaão e seu olhar atento e crítico a sua volta para Recife, cada indivíduo é construído de uma forma por suas experiências, embora elas sejam construídas em conjunto. Bondía (2002, p. 27) sobre esse tema nos diz que “[...] se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”. Segundo o autor, cada pessoa vive as experiências de forma singular, com suas próprias emoções e de forma alguma podem ser repetidas, mesmo em circunstâncias similares⁴.

Logo na primeira carta, Freire constrói uma narrativa da sua infância, essa rememoração possui reflexões a partir do contexto em que vivia já na vida adulta, ou seja, é uma reconstrução, para isso apresenta o conceito de experiência, onde as coisas vividas eram percebidas por seu olhar de menino na medida em que aconteciam o compunha de alguma maneira:

⁴ Ver a respeito da discussão sobre memória como uma imersão nos diversos espaços coletivos construídos e reconstruídos pelos sujeitos o texto de Halbwachs (1990), mas também Benedictis (2016).

A experiência atribulada do menino de ontem e a atividade educativa, portanto política, do homem de hoje, não poderão ser compreendidas se tomadas como uma expressão isolada, ainda quando não possamos negar sua dimensão particular. (Freire, 1994, p.43).

Além do olhar cuidadoso sobre as experiências que teve, Freire chama atenção para o caráter coletivo da memória, ao afirmar que essas expressões embora tenha uma dimensão particular não estão isoladas. Para Halbwachs (1990) os indivíduos lembram e são lembrados por pertencerem a um grupo, evocar uma memória pode ser uma ação individual, mas a memória evocada será sempre coletiva.

Em suas cartas Freire faz uma análise sobre a condição em que vivia, a classe social a qual pertencia e os objetos de memória de sua família que talvez não se relacionasse com a aquela realidade: um piano e uma gravata em um contexto de escassez, como ele relata ainda na segunda carta. Nela, ela fala da memória afetiva impressa nos objetos, “O piano da Lourdes e a gravata do meu pai acidentalizavam a nossa fome (Freire, 1994, p.53), mas também reforça a falta de consciência entre os dominados e violentados àquela época.

Com olhar curioso de criança, Freire demonstra em seus escritos que olhava para o contexto simples em que vivia e se espantava com o fato de sua família ter um piano e seu pai usar gravatas. O homem adulto observa suas memórias com questionamentos que a criança que as construía talvez não fizesse, trazendo ao leitor o elemento interessante de que é o contexto social parte integrante das memórias ao longo do tempo (Halbwachs, 1990).

Na terceira carta Freire fala sobre o medo de assombração, onde ele diz que: “[...] Aguçando a percepção nos momentos em que brincava é que comecei a captar, às vezes deslumbrado, na totalidade sonora dos dias, um sem-número de ruídos antes imperceptíveis” (Freire, 1994, p.61). Além disso, ele deixa registrado a maneira pela qual reagia a essas experiências, ao dizer:

Este exercício me fortalecia para enfrentar à noite as apreensões me consumiam. Em última análise, o desafio de meu medo e a decisão de não me submeter docilmente a ele me levaram, em tenra idade, a transformar a minha cama, no silêncio do meu quarto, numa espécie sui generis de contexto teórico. A partir dele dava começo às minhas primeiras “reflexões críticas” sobre o meu contexto concreto que, àquela época, se reduzia ao quintal de minha casa e aos trezentos metros que a separavam da escolinha primária em que me iniciava. (Freire, 2015, p. 61)

Tal como é possível observar, o Educador Paulo Freire já na infância elaborava meios de analisar a realidade concreta por meio da razão estabelecendo uma crítica focada nas coisas que o cercava. Como sabemos em muitos dos seus textos, Freire reafirma a ideia de que somos

influenciados pelas experiências concretas do mundo. Num dos seus mais antigos textos, “Educação como prática da liberdade”, ele afirma o homem como um ser de relações, que se vê no mundo numa realidade objetiva de forma que ele (o homem) não é um ente isolado deste, resultando disso a afirmação categórica do autor de que o “homem está como o mundo”, ao se referir a consequente abertura que se faz dele a esta realidade.

Na quarta carta de Paulo Freire, há um relato importante, no ano de 1932 a família se muda do Recife para Jaboatão, fato esse que o marcou e o autor escreve em sua carta: “[...] O fato é que essa mudança, na manhã de abril, me arrancava de meus cantos preferidos” (Freire, 1994, p.72). O lugar não é visto apenas como um espaço físico, mas sim como um espaço onde o homem e espaço se inter-relacionam, ele é a articulação da espacialidade com as relações sociais estabelecidas entre seres humanos e os elementos que compõem esse espaço (Santos, 2000), por esse motivo, os lugares onde ele viveu são extremamente importantes na construção da sua identidade como educador.

O mencionado na quinta carta, intitulada “A malvadez da pobreza” acerca do seu contexto familiar se deu após situações em que seus pais foram destratados por sua condição social, quando, em certas ocasiões, sua mãe se colocava em situações humilhante para não faltar o alimento em casa. Percorrendo de açougue em açougue, buscando algum que lhe vendesse fiado. Entretanto, essa não foi a única memória de seus pais presente nas cartas, a pobreza foi apenas uma das memórias trazidas pelo autor. Sobre essa experiência Freire (1994) afirma:

Aprendi na minha infância atribulada e convivendo com a dor moral de meus pais, experimentada nas mais diversas situações, e quase sempre recheada de uma linguagem desrespeitosa, sobretudo, é óbvio, quando o sujeito paciente era minha mãe, a ser ou tornar-me intensamente sensível ao dever de respeitar quem se acha em situação de fraqueza ou de debilidade, em situações assim a mim me dói dizer do outro nem mesmo a mim próprio: é mentiroso e é um golpista. (Freire, 1994, p. 80)

Ao escrever “Cartas a Cristina”, ele constrói narrativas sobre si, a partir da sua infância, rememora a presença paterna pela importância que teve para sua vida. Seu pai, ao lado de sua mãe, o ensinou a ler as primeiras palavras, fato importante em suas memórias, uma vez que ele se ocupou ao longo de sua trajetória profissional a ensinar ou a pensar sobre como ensinar as palavras aos que não sabiam. Ponto alto de sua narrativa é que, ao ensinar as palavras a Paulo Freire, seus pais ensinavam palavras do cotidiano de seu filho e não de seus cotidianos. Nas palavras do autor: “[...] com eles aprendi a ler minhas primeiras palavras, escrevendo-as no

chão, com gravetos a sombra das mangueiras. Palavras e frases ligadas à minha experiência e não à deles” (Freire 1994, p.63).

Ao narrar a mudança desse ano, mais uma vez o autor fala sobre experiência: “A mudança me arrancava de um momento novo: cortava a experiência que me vinha estimulando há pouco tempo, perto de três meses no grupo escolar Mathias Albuquerque.” (Freire, 1994, p. 73)

A experiência como afirma Bondía: “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (p. 21). Nas cartas é possível perceber que o autor fala das muitas experiências que teve ao longo da sua vida, cada relato é carregado de emoção e envolvimento como a sensação descrita com o episódio da mudança em 1932:

Mais do que qualquer outra coisa me percebia como se estivesse sendo expelido, jogado fora da minha própria segurança. Sentia um medo diferente, até então não experimentado, me envolver. (Freire, *Ibid.*, p.73)

É possível inferir sobre a natureza humana que, o fato de lembrarmos também das sensações consideradas ruins, podem ser também experiências a serem lembradas. Publicar memórias sobre si, como as cartas que autor publicou nesta obra, pode trazer questionamentos diversos, como por exemplo, se todas as cartas são de fato as histórias que mereceriam ser publicizadas.

As memórias contadas nestas narrativas nos revelam apenas as experiências que o autor espera que tomemos conhecimento? Sobre essa reflexão Cestari (2011, p.23) nos revela que “[...] esta dificuldade com as memórias nos põe diante da exigência em definir qual história interessa contar, e, com isso, nos vem um problema abordado: a sinceridade do relato.

Uma das suas cartas é dedicada a lembrar seu pai, falar da sua vida como trabalhador, das habilidades que possuía com trabalhos manuais e sua mãe dócil, ambos são lembrados em um contexto de pobreza e desrespeito social. Sobre essas memórias, Freire afirma ter aprendido que: “[...] Até hoje nem digo duas vezes a uma pessoa o erro que cometeu, nem posso suportar que façam o mesmo comigo” (Freire, *Ibid.*, p.81)

Sobre a vida em Jaboaão, o autor lembra sobre seus professores do Colégio Oswaldo Cruz. Cita muitos deles, bem como das aulas de literatura, sobre o rio, sobre as estradas, sobre as pessoas que atravessaram sua vida. Um aspecto lembrado é importante na vida do autor, Jaboaão não tinha escola secundária, seguiam os estudos as pessoas que pudessem se deslocar

para Recife, 18 quilômetros todos os dias e havia apenas um cinema e foi lá que teve contato com a música. Sobre Jaboatão Freire (1994, p.116) diz:

Hoje, tão distante da minha infância, percebo o quanto me marcaram as retretas de Jaboatão, o futebol das campinas, incursões aos morros e aos córregos, onde me defrontava com situações mais dramáticas do que a minha o quanto me marcou o rio em que nadava e em que pescava.

Fato esse que marca sua obra, afinal a partir da realidade dos discentes para auxiliar na compreensão dessa realidade é uma ideia recorrente na literatura escrita pelo autor. Sua literatura e sua prática como professor são também rememorados nas cartas analisadas, não há uma cronologia exata dos fatos narrados, afinal o tempo da memória é um tempo próprio, inexato e composto por lembranças e lacunas. Ao ler suas cartas com textos tão evolutivos e prazíveis ao leitor, é posto que em um dado momento da sua formação, ao ter contato com autores da literatura brasileira, Freire afirma não haver antagonismo entre escrever certo e gostoso, essa descoberta faz sentido ao leitor de Paulo Freire, pois o mesmo costuma escrever de forma clara e sensível.

Jaboatão é retratada com riqueza de detalhes na sétima carta, o centro da cidade, a ocupação deste território, o cinema, que também reproduzia desigualdades, pois era inacessível para a maioria daqueles pobres desejantes de arte. O lugar descrito aqui como um campo de forças produtoras de desigualdades (Santos, 2000), já era nitidamente perceptível para Paulo Freire, na década de 30.

Na oitava carta, o autor revela o desejo de sua mãe em trabalhar como secretária do ginásio em Jaboatão, sua experiência na recém-escola aberta e a frustração em trabalhar sem o salário certo e, logo depois, do fechamento da escola, sonhos desfeitos.

Nesse sentido, podemos destacar também, que a perda do pai em 1934 mereceu uma atenção especial na nona carta. Nela é possível perceber com riqueza de detalhes, cada instante vivido pela família, instantes que antecederam a perda, e os dias seguintes, “nem sempre é fácil sepultar nossos mortos” (Freire, Ibid., p.124), mas, neste relato de memória nos ensina que, com o passar do tempo “a dor da falta vai amenizando, e vamos nos tornando capazes de ser nós mesmos” (Freire, Ibid., p.124).

Cada experiência de um indivíduo o constrói, como uma colcha de retalhos, cada pedacinho de tecido é como um fato experienciado que forma o todo, ao ler as memórias autobiográficas de Paulo Freire, essa alegoria faz sentido, suas experiências o tocaram de tal

maneira que é possível traçar um paralelo entre a sua narrativa autobiográfica e sua obra ou seu legado.

Outro ponto relevante é a presença de fatos dolorosos em suas cartas, não há rememoração apenas de fatos felizes ou festivos, fatos como a perda de seu pai também está presente em sua narrativa afinal, como afirma Halbwachs (1990), lembramos fatos nos marcamos de alguma maneira. Aspectos da cultura em que estava imerso aparece a todo momento em suas cartas, e não foi diferente ao relatar os costumes sociais nos dias em que sucederam o sepultamento de seu pai.

Ao lembrar seu retorno para Recife, na décima carta, como docente, Paulo Freire e a possibilidade de se colocar de uma forma mais crítica nesta experiência, o autor afirma que

Os saberes indecisos que se gestaram nas vivências de Jaboatão se entregaram à possibilidade de uma reflexão mais crítica e mais detalhada que a volta ao Recife propiciava (Freire, 1994, p. 126).

O autor faz uma narrativa muito interessante sobre sua experiência com a docência, como professor de Língua Portuguesa, na cidade de Jaboatão, no Colégio Oswaldo Cruz, antes do seu regresso a Recife – 1941. Nesta décima carta, ele nos apresenta seu compromisso com a prática docente, com a aquisição de livros e demais materiais de leitura e pesquisa, o que poderia aprimorar sua prática docente. Desta passagem da sua vida, ele deixou registrado assim:

Para mim, porém, valiam mais as revistas especializadas e os livros que comprava, com cuja leitura, desafiado, eu ia aprendendo a estudar e me capacitar melhor, para fazer eficaz a minha prática docente, do que as roupas elegantes e em mais quantidade. (Freire, 1994, p. 128)

Na décima primeira carta, cujo título é SESI: A prática de pensar teoricamente a prática, para praticar melhor, Paulo Freire fala da sua experiência à frente do SESI (Serviço Social da Indústria), como de alguma forma, as discussões acerca das dicotomias entre as classes sociais se tornavam mais nítidas. Podemos perceber mais claramente que as classes sociais “experimentam conflitos de interesse, que são permeadas por ideologias diferentes, antagônicas” (Freire, 1993, p. 136), o que exigiu do autor e outros educadores da época, um posicionamento extremamente progressista, onde a cultura de resistência foi sendo gerada, como resposta à violência do poder.

Sobre sua experiência no SESI, Freire (1994) notadamente já evidenciava uma luta de classes “Questões de classe social, ontem, como hoje” (Freire, Ibid., p.156). Ele segue fazendo suas reflexões acerca da reprodução da desigualdade social:

Em certos programas de televisão em que, em algum momento, o garçom serve um cafezinho ao entrevistado e ao entrevistador, jamais vi ou ouvi um deles, olhando cortesmente ao garçom, dizer-lhe: “Muito obrigado.” Às vezes, entrevistados progressistas. É como se o garçom não fosse gente, fosse um robô programado para servir. Freire, 2015, p. 157).

Ainda pensando sob a perspectiva da reprodução das desigualdades, Paulo Freire nos sinaliza os riscos de nos tornarmos indiferentes ao processo de desumanização (quase coisas) ao qual o elitismo nos leva, sem que quase percebamos: “[...] O elitismo que nos empapa não nos permite perceber a incoerência entre nossos discursos libertários e o indiferentismo diante de uma pessoa reduzida à condição de quase coisa. E não se diga que isso é um problema menor. (Freire, 2015, p. 157).

A carta de transição, assim chamada pelo autor, foi a décima terceira, onde o autor deixa claro seu desejo de ampliar seu diálogo sobre a educação a partir dali, embora não o tivesse abandonado em tempo algum, ao longo das demais cartas.

2 Saberes e experiências que contribuem para a educação brasileira

1762

Na segunda parte do livro, Freire inicia com uma carta cuja a temática é Educação e Democracia. Temática coerente com suas experiências e demais narrativas das cartas anteriores.

A imersão nas memórias de Paulo Freire, através das cartas escritas a Cristina, é uma imersão em sua vida como educador, dessa forma é por consequência uma imersão na história da educação no Brasil, alguns aspectos da construção da Educação, tal qual conhecemos hoje, está presente nas cartas organizadas no livro, a exemplo do fato descrito por ele quando na função de Diretor da Divisão de Educação de uma instituição privada, observou o quanto era difícil para os filhos dos trabalhadores com todas as mazelas a que estavam sujeitos ter um alto índice de aprendizagem. Essa observação norteou sua prática na construção de uma Educação Popular no Brasil.

Paulo Freire reforça o papel da família na sua concepção sobre democracia, onde ele diz que: “[...] as experiências democráticas no seio de minha família, meu passado pessoal, constituíram, na verdade, uma condição ao autoritarismo, que se assentara a sociedade brasileira. (Freire, 1994, p.145). O autor narra que, ao ser revisitado pelas memórias foi possível experienciá-las novamente, como ele nos relata:

Ao escrever agora sobre o acontecido, sou visitado pela memória do sentimento que vivi naquela noite e eles voltavam de tal maneira intensos e reais que me fizeram quase experimentá-los de novo. É isso que se dá com alegria de ter visto a expectativa realizada de ter ouvido o discurso esperado, de ter tido minhas intenções em tela de juízo (Freire, 1994, p.163).

É rememorando um fato e o trazendo para o presente, até os sentimentos experimentados voltam a ser experienciados, ao ler as cartas nota-se que as emoções vividas em outro tempo são revividas no momento da escrita, afinal a memória é o passado no presente reconstruído (Halbawcks, 1990).

Na décima quarta carta intitulada Educação e Democracia, o autor afirma a necessidade de a escola ser um ensaio da sociedade que desejava construir cuja democracia era um pilar de sustentação. Numa perspectiva teórica, ele faz uma distinção significativa entre liberdade de imprensa e licenciosidade de imprensa, onde ele nos traz que: “[...] só é livre a imprensa que não mente, que não retorce, que não calunia e que não se omite”.

O autor continua sua reflexão ao reforçar em uma instância maior os educadores em o dever de inculcar nos educandos o gosto pela liberdade, que só a liberdade advinda de um processo educativo, pode de fato combater o autoritarismo. Nesta carta, ao finalizar, fica nítido que estamos ainda em processo de aprendizagem e que a nossa democracia ainda é muito jovem, e que é possível e necessário continuar ensinando democracia, apesar das grandes dificuldades cotidianas, assim: “[...] ensinar democracia é possível. Para isso, contudo, é preciso testemunhá-la” (Freire, 1994, p.244).

Seguindo suas reflexões sobre educação, na décima quinta carta, cujo título é “O processo de Libertação: A luta dos seres humanos para a realização do ser mais”. Nesta ele retoma sua luta por uma educação libertadora, tão presente em suas obras, ao afirmar que essa luta é pela: “[...] criação de condições estruturais que tornem possível o ensaio de uma sociedade mais democrática” (Freire, *ibid.*, p. 253); e onde seja possível “[...] diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz” (Freire, *Ibid.*, p.254)

As narrativas construídas ao longo desta obra mostram de certo modo, uma liberdade no resgate das mais diversas experiências, inclusive em nível acadêmico, como demonstrando na décima sexta carta, ao mencionar o papel do orientador numa perspectiva acadêmica e, também democrática onde ele diz que “[...] o papel do orientador é viabilizar variadas fontes de informação em torno da temática do orientando” (Freire, 1994, p.263), ajudando o orientando a ajudar-se. Com essa reflexão o autor demonstra que seu compromisso com a

educação libertadora em diversos níveis do processo educacional, como os acadêmicos e de formação.

Nas duas últimas cartas, o autor caminha para suas considerações finais reforçando que a luta contra a dominação e pela liberdade em diversos níveis e esferas deve ser uma prática constante, onde ele nos convida a pensar que “[...] é preciso insistir na natureza processual da história” (Freire, 1994, p.273), que o desejo por uma educação libertadora nos “chama e nos espera”; já que os problemas do final do século XX estão postos, seja pelo caráter histórico e que se arrastam, seja pelas novas formas que têm assumido; porém sem deixar de ser historicamente problematizados, pois, para o autor, alguns problemas só ganham novas cores.

Considerações Finais

“Cartas a Cristina” pode ser considerada uma autobiografia de Paulo Freire se considerarmos alguns critérios para este conceito. No sentido que expõe e se expõe no texto, Freire vai nos mostrando que narrar sua vida se faz por narrar-se frente aos conflitos concretos de uma realidade e da forma como ele se aventura a se posicionar num determinado domínio de relações de forças, que é, no caso em pauta, o campo da educação brasileira. Suas cartas são narrativas autobiográficas que expressam sua obra mais significativa, que foi a sua própria experiência no mundo como educador, possibilitando tantas outras experiências no campo da Educação e, ao mesmo tempo, entrelaçada aos problemas de sua vida.

Ao findar a leitura e análise das dezoito cartas, o caráter humano do educador Paulo Freire se confirma e sua trajetória, expressa em suas memórias, aproxima o leitor da sua vida e obra. Nestas cartas, há marcadores que provocam o leitor a evocar suas próprias memórias e estas se conectam de alguma maneira às memórias lidas. Essa dinâmica faz com que o leitor se perceba nas próprias leituras, ensejando a percepção se teríamos semelhante coragem de vir a público com um texto em que sua vida e obra forneçam os elementos para um jogo que se faz entre o relato, suas escolhas e a sua sinceridade.

O olhar que o autor lança sobre si, suas experiências estão fortemente relacionadas aos saberes que construiu ao longo da sua trajetória. Para Bondía (1994, p.27): “[...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna.”. Nesse sentido, destacamos que Freire, em suas cartas, ao evocar suas memórias, ao presentear-nos com suas experiências, oferece-nos também os saberes que construiu a partir delas. Vale ainda registrar que, nesta obra, é possível encontrar as cartas que sua sobrinha (Cristina)

escreve, respondendo ao seu tio. Ela detalha, inclusive, o cenário de autoritarismo em que o Brasil estava imerso nos anos de Golpe, durante o exílio de seu tio. Estas Cartas merecem uma análise cuidadosa, o que poderia resultar na produção de um outro artigo posteriormente.

Por fim, olhar a obra de Paulo Freire a partir dos registros de suas memórias, saberes e experiências, através das narrativas registradas nas suas cartas, permitem ao leitor uma oportunidade de conhecer o educador, nos revelando uma experiência que nos atravessa. Experiências essas que podem contribuir para nossa prática como educador, movimentando-nos, cada vez mais, a ir em busca de uma educação libertadora, tão sonhada por Paulo Freire.

Referências

DE BENEDICTIS, Nerêida Maria Santos Mafra De. **Memória e Geografia social de mulheres em Rio de Contas -BA**. Vitória da Conquista: Edições UESB 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002.

CESTARI, Luís Artur Santos. Autobiografias e formação: aproximações problemáticas no Movimento Pesquisa/Formação. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 92, n. 230, p. 83-106, jan./abr. 2011.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2000

Autor 1:



Ana Carla De Souza Ferraz
Geógrafa, pedagoga especialista em meio ambiente. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED -UESB na linha de pesquisa Formação Humana e processo de subjetivação, sob orientação do Professor Dr. Luiz Artur Cestari dos Santos

Email: anacarlaferrazfc@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8435218732130249>

Autor 2:

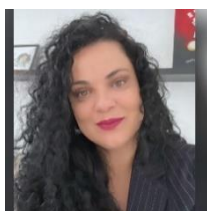


Luiz Artur Cestari dos Santos
Graduado em Pedagogia (1997), Mestre em Educação (2000) e Doutor em Educação pela UFP; Professor Pleno da UESB. Realiza pesquisa sobre a circulação de ideias no campo educacional no Brasil, é professor e orientador do PPGEd/UESB e o PPGCA/UESB, do mestrado e doutorado do PPGE/UFPE.

Email: luiz.cestari@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2569014459525283>

Autor 1:



Manuella Souza Ferraz
Historiadora, pedagoga e psicopedagoga. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED -UESB na linha de pesquisa Formação Humana e processo de subjetivação sob orientação do Professor Dr. Luiz Artur Cestari dos Santos

E-mail: manuellaf@gmail.com

Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3124594930406730>